

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE SANTISTA NUMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO FEMININA (1902-1920).

Maria Aparecida Franco Pereira / UNISANTOS

2. História da profissão docente e das instituições escolares

O *objeto* deste estudo é a análise das condições que levaram um grupo de mulheres a inaugurar uma experiência de educação feminina, a partir de 1902, ano da fundação do Liceu Feminino Santista, escola de formação para o magistério, principalmente durante o período em que uma de suas dirigentes fundadora desliga-se formalmente da instituição (1920).

Pretende-se mostrar que a escola foi organizada numa cidade onde imperava um clima de modernidade, ocasionado pelo advento de inovações técnicas e pela riqueza do café; que a composição social de suas dirigentes foi fator importante e que a experiência das dessas mulheres contou com o apoio de profissionais liberais, mentes ilustradas, e do comércio local .

Desde a metade do século XIX, Santos tem o seu viés fundamental de cidade portuária e comercial impulsionando transformações importantes não só no seu traçado urbano mas também na sua composição demográfica e social.

A produção brasileira do café , em 1850, supera a do açúcar, e já na província paulista enceta a sua marcha para o Oeste. De porto do açúcar, muito rudimentar, com o aumento da produção cafeeira do “hinterland” paulista, trazida para o litoral através da recém inaugurada (1867) ferrovia “Inglesa” (Santos-Jundiaí), a cidade santista torna-se muito acanhada. A infra-estrutura constituída no anterior ciclo do açúcar do início do século XIX, que lhe desenvolve já uma tradição comerciante, por outro lado, seu porto arcaico - de pontes a maior parte de madeira - é insuficiente pois não comporta o fluxo incessante de carroças carregadas para os grandes navios, mais rápidos e exigindo maior calado.

A urbanização de Santos, nas últimas décadas do oitocentos, ocorre sob o domínio da economia agro-exportadora e sob o signo da racionalidade técnica. E, portanto, sob o comando de uma elite.

A elite - entendida como a posição de destaque dos membros de uma sociedade - de que estamos falando aqui aproxima-se da classificação de alta classe média proposta por Carone (1970,p.175-177) .¹ A alta classe média é, segundo ele, originária das ricas classes

¹ Na sua classificação tripartida, as outras duas são: *classe média intermediária*, de formação mais complexa, composta de imigrantes, de segmentos de classes decadentes, de elementos liberais e do exército, alguns

médias agrárias, que se orientaram para as profissões liberais; a alta administração e composta ainda de técnico-industriais e alguns setores do médio comércio e da média indústria.

Santos congrega uma elite formada pelo alto comércio, composta por negociantes locais (diversos portugueses), a que se unem geralmente os filhos de fazendeiro paulistas, a maior parte residentes em Santos por alguns anos, que depois fixam residência na capital paulista, vindo a Santos diariamente no chamado “trem do comissário”.

Completando essa elite estão os homens de profissões liberais – médicos e engenheiros. Grande parte oriunda da capital federal chegados a Santos nos anos próximos à virada do século XIX para o XX, atraídos por uma cidade com estruturas ainda coloniais e castigada por inúmeras epidemias (febre amarela, varíola, peste bubônica, tuberculose etc.), mas com recursos econômicos advindos da economia cafeeira para a superação de seus males.

A necessidade e a preemência de modernizar a estrutura da cidade é visível na elite centrada na Associação Comercial de Santos, fundada em 1870, agregando os setores agro-exportador, importador e representantes dos bancos estrangeiros. Guilherme Álvaro é chamado pelo Estado para chefiar a Campanha Sanitária e Saturnino de Brito, para o projeto de saneamento; em 1905 começa a construção dos canais. A Comissão de Melhoramentos da Cidade de Santos, implantando os serviços urbanos, têm a presença dos Cochrane- Simonsen.

A construção do porto (a partir de 1890) e suas atividades subsidiárias (como a extração de pedra do Jabaquara); os serviços ligados à comercialização do café; o trabalho nos transportes, nos armazéns, nas docas e na estiva atraem uma multidão de trabalhadores nacionais (livres e ex-escravos) e principalmente estrangeiros, tornado-a uma cidade européia (portuguesa) a partir do final do século XIX.

O crescente aumento da faixa portuária vai modificando o traçado da cidade, deslocando a população em direção à barra (praia): a elite ocupando as duas grandes avenidas abertas nas últimas décadas do oitocentos (Ana Costa e Cons. Nébias) chegando ao Gonzaga e ao Boqueirão; e os trabalhadores, formando novos bairros operários, entre eles o Macuco.

Santos, porém, localizada numa ilha, onde correm muitos ribeirinhos e onde grassam epidemias como em algumas outras cidades, necessita de saneamento e urbanização, atraindo assim também uma quantidade respeitável de médicos e engenheiros, que vêm

deles dedicados a profissões artesanais e ao pequeno comércio; a *baixa classe média* formada de funcionários públicos, artesãos.

ajudar a organizar a cidade, construindo canais, erradicando epidemias, administrando a vida portuária, tornando-a uma *urbs* “moderna”, nos padrões aproximados das grandes cidades européias e nacionais.

Essa “elite missionária do progresso”(HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996), nos moldes positivistas, do império do espírito cientificista e racionalista, vem juntar-se aos outros segmentos da elite santista, a agro-exportadora e as dos bacharéis de direito. A atuação de bacharéis do Largo S.Francisco não se mostra aqui retrógrada, na administração da cidade.

Muitos desses “missionários do progresso” vêm do Rio de Janeiro, capital federal, porto de entrada das novidades européias, sede dos negócios e finanças nacionais, centro de vida intelectual e científica, irradiador de manifestações culturais. Labutam em Santos profissionais que passaram pelas faculdades de medicina ou engenharia no Rio ou comerciantes que se inter-relacionavam nas transações mercantis e que trazem “novos ares” para a cidade.

A ferrovia não liga somente o litoral ao interior no escoamento do produto, mas torna a capital paulista centro residencial dos grandes fazendeiros de café e centro dos negócios, dividido com Santos.

Mais estreita fica a secular ligação da cidade com o planalto, quando então fazendeiros unem-se em sociedade a comerciantes santistas. Júlio Conceição, homem de realizações culturais e educacionais, é filho do Barão de Serra Negra, fazendeiro de Piracicaba, que se torna comissário de café, radicando-se em Santos para cuidar dos negócios da família (PEREIRA, 1980 e 1995).

A presença dos bacharéis de Direito do Largo São Francisco em Santos traz à cidade costumes e práticas desenvolvidas nos meios culturais da capital paulista também em tempo de modernização.

As intervenções modernistas feitas na cidade são dirigidas pelo poder público, cuja composição tem a presença dessa elite.

Um aspecto importante dessa era da modernização é o filão da educação, patrimônio cultural que deve ser estendido a todos os estratos da população, necessitados da regeneração social. Pouco ligado à cidadania no sentido de participação eleitoral e democrática, de redenção social, como lembra muito bem José Murilo de Carvalho. A modernização (e a República) “consolidou-se sobre a vitória da ideologia liberal pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico” (2000, p. 161).

Em Santos, nesse início do século do XX, as realizações educacionais se multiplicam, desde as iniciativas do poder do Estado (Grupos Escolares Cesário Bastos: 1900; Barnabé: 1902) e do Município (G.E. Olavo Bilac); das ordens religiosas (Irmãs do Coração de Maria e Irmãos Maristas: 1904) ou de instituições leigas (Escola Docas: 1907), de grupos humanitários filantrópicos (Auxiliadora da Instrução, 1878) ou de grupos da Maçonaria (Loja Brás Cubas). (PEREIRA, 1996).

Em prol dos segmentos menos favorecidos (trabalhadores nacionais e estrangeiros) aparecem várias associações mutualistas e assistencialistas, ligadas às colônias de imigrantes ou ao operariado. E todas elas têm ou no seu projeto ou na prática o programa da instrução.

A educação da mulher já vinha sendo assumida pela sociedade nas últimas décadas do oitocentos. A participação no meio literário era uma conquista irreversível como mostra Bernardes em seu estudo sobre a imprensa feminina no Rio de Janeiro (1989). Ainda nos moldes tradicionais das tarefas do lar, aceitava-se a preparação do magistério, que já no fim do século era uma carreira feminina, possível para as mulheres da classe média (BORGES, 1980; ALMEIDA, 1998).

É em 1902, que surge, nos moldes correntes da época, a primeira grande instituição voltada fundamentalmente para a educação feminina, fundada e organizada por mulheres.

E dentro do clima de modernização.

A professora normalista Eunice Caldas (1879-1967) consegue reunir um grupo de senhoras da sociedade local e cria o Liceu Feminino Santista e as Escolas maternais, com o fim de “proporcionar a educação gratuita da criança e da mulher, principalmente desta” [...]. Era uma tentativa de tirar da inércia as mulheres a respeito do ensino, segundo E. Caldas. (CAPUTO, 2000)

Na Associação Feminina Santista (AFS), mantenedora dessas escolas, militam mulheres da sociedade, assessoradas pelos seus maridos, que são engenheiros, médicos, bacharéis em Direito, comerciantes de café.

A *documentação* da AFS é rica, consistindo em Livros de Matrículas, de Atas de fundação, de Diretoria, de Exames, de Ocorrências festivas e de amplo acervo fotográfico em álbuns e avulsos. A escola e suas atividades no decorrer de sua vida também estão fartamente registradas na imprensa local. A leitura, pois, do seu acervo documental, muito bem conservado, e a utilização dos *procedimentos historiográficos* revela a participação efetiva dessas mulheres na obra educativa.

Uma das evidências, para aquele que pesquisa com cuidado, é o aparecimento de uma intrincada rede de parentesco e de ligações entre as famílias por relações de amizade ou casamento.

Seus professores são profissionais liberais, pessoas de prestígio na cidade, quase todas ensinando gratuitamente.

O Liceu formou professoras para o ensino de suas escolas maternais e por força política da elite teve a preferência no acesso ao magistério municipal, quando sua força política – apesar da luta - não foi suficiente para a equiparação à Escola Normal da Praça. Escola de grande prestígio, quase sem professoras habilitadas pela Escola Normal, sobreviveu muitos anos(hoje é centenária), apesar de sua fundadora ter se afastado logo nos dois primeiros anos.

Essas mulheres da elite santista, ligadas “missionários do progresso” e bacharéis de direito vocacionados para a instrução, mantiveram o nível do ensino, também graças o comércio cafeeiro colaborou, até 1930 pelo menos, no respaldo financeiro.

Para termos com mais detalhe o porte da participação do elemento feminino, selecionei dois exemplos, relatados a seguir:

Uma dessas mulheres é **Robertina Cochrane Simonsen**, importante responsável na direção dos destinos da Associação Feminina Santista.

Robertina da Gama Cochrane nasceu em Santos em 20 de dezembro de 1862 e era uma dos 6 filhos de Ignácio da Gama Cochrane (Helena, Dulce, Oswaldo, Marieta e Zaira) e faleceu no Rio de Janeiro em 28 de outubro de 1942, aos 80 anos.

Casou-se em 26 de abril de 1883, com 21 anos com Sydney Martin Simonsen, inglês que vem para o Brasil dedicar-se aos negócios do café. Um dos seus filhos é o engenheiro Roberto C. Simonsen, o grande industrial paulista.

Filha do Dr. Ignácio Wallace de Gama Cochrane (1836-1912), natural de Valença,RJ, de família ligada a projetos de ferrovias. Personalidade das mais atuantes, na vida administrativa política e social . Vai para Santos, em 1860, como engenheiro fiscal da São Paulo Railway e aí contrai matrimônio com a filha de um comissário de café santista, Antônio Vieira Barbosa, associando-se a ele na firma Vieira Barbosa & Cochrane, e permanecendo nela até 1878, quando se muda para S.Paulo. Durante o Segundo Reinado tem representação política tanto em nível municipal como provincial. Em Santos, residia na Barra, junto à capela de Santo Antônio do Visconde do Embaré,local nobre na época. (RODRIGUES, p. 178). Thomas Cochrane, pai de Ignácio era anglicano, porém, sua mulher, Helena Augusta, católica acompanhava seus filhos à missa dominical e o pai de

Robertina tornou-se católica praticante. Não se percebe, na atuação de Robertina no Liceu, numa época de separação entre Igreja e Estado, nenhuma intervenção religiosa.

Sua atividade na Associação Feminina Santista é muito grande.

Sócia fundadora (1902), é vice-presidente da AFS no biênio 1902-1903. A seguir, assume a função pedagógica mais importante da escola, com a saída da profa. Eunice Caldas, que é a de Diretora Geral da Instrução por vários anos, sem ter o diploma de normalista. Ao mesmo tempo, de 1903 a 1907, também ministra Trabalhos Manuais, para o curso de formação de professoras, o Liceu. Depois mantém a sua participação como Presidente da mantenedora ou no atuante Conselho da instituição. Em 1919, é chamada novamente para ser a Presidente da Associação Feminina Santista, em situação de crise. Em 1921, com pouco mais de 60 anos desliga-se definitivamente da direção, passando novamente a conselheira. Uma das poucas vezes onde se encontra as suas palavras: “É sinceramente penalizada que deixo este lugar onde há perto de 9 anos me tenho esforçado em prol desta tão útil e benemérita Associação, e a qual eu desejo de coração a continuação de sua prosperidade” (Rel. AFS de 1911, apresentado à Assembléia Geral em 14 de jan. de 1912). Durante esses anos todos batalhou para a manutenção da instituição (inclusive arregimentando novos sócios, juntamente com seu marido), para o seu engrandecimento cultural. A Associação prestou-lhes várias homenagens, uma delas dando nome ao Curso complementar, preparatório para os exames de suficiência. Várias pessoas de sua família e de sua relação atuaram numerosíssimas vezes de diversas maneiras, inclusive em apresentações culturais da instituição. Somente uma de suas filhas formou-se professora licenista, mas não exerceu a profissão, como era costume entre as pessoas da elite.

Um segundo caso mostra mais a atuação do elemento masculino na participação do casal na Associação Feminina Santista.

Vicente de Carvalho, o grande poeta parnasiano, é um dos participantes do movimento da Associação Feminina Santista. Sua mulher, **Ermelinda Mesquita de Carvalho**, é membro atuante nos primeiros anos da instituição. Filha de negociante ligado ao alto comércio do café, oriundo de Campinas, é irmã de Júlio César de Mesquita, advogado que vai ser um dos diretores do jornal “A Província de S. Paulo”.

V. de Carvalho tem outras ligações com o setor agro-exportador. É cunhado de Pedro de Souza Queiroz, família de fazendeiros paulistas, que se radica e permanece em Santos, com casa comissária de café. O próprio poeta tem durante algum tempo uma fábrica de sacos de aniagem para o café, onde empregava escravos foragidos, abolicionista que era.

Bacharel de Direito por São Paulo, esteve em uma pequena fase (1894-1900) ligado ao positivismo ortodoxo de A.Comte(LINS,1967,p.500-502). Embora tenha abandonado a grei, a marca positivista ficou nos seus escritos até o fim da vida. Propugnava “o dever elementar de contribuir para o aperfeiçoamento coletivo da regeneração individual” (em carta aberta ao jornal “O Estado de S.Paulo”, em 15/6/1895, apud LINS, o.c., 170-171)).

Como membro da elite santista, teve participação na vida política da cidade e do Estado, destacando-se entre outra função a de ser Secretário dos Negócios do Interior do Estado de S.Paulo, a que estava sujeita a Secretaria da Educação.

A presença da família de Vicente de Carvalho na AFS vai desde a participação em Diretoria (de sua mulher), do Conselho e Sócias (de outros familiares).

A participação de Vicente de Carvalho é bastante efetiva nesses primeiros anos de vida da instituição: jurista, colaborou na confecção dos seus primeiros estatutos e acreditamos nos destinos da escola, pois teve experiência com a educação na Secretaria de Estado.Foi seu professor do Liceu. A letra de o “Hino às mães”, que é o hino oficial da escola é de sua autoria, com música de Oscar Ferreira. E como foi membro da maçonaria, talvez a ligeira ligação que a instituição tinha no início com o setor pode ter sido também influência do Poeta do Mar.

O estudo dessa participação feminina ainda em andamento traz muitas interrogações. E uma delas é: Qual a formação acadêmica dessas mulheres que desempenharam tão bem a atuação na instituição? Por ora a invisibilidade secular da mulher na vida pública nos dificulta o seu desvelamento.

Podemos concluir que a manutenção de uma escola particular que oferece ensino gratuito deve ser analisada no âmbito das condições locais. O êxito dessa escola tem que ser ligado à situação de riqueza da cidade na época da fundação da instituição e ao clima de modernidade reinante. O êxito da empreitada deve ser explicado a partir da situação em que dirigentes, professores e alunos se entrecruzam, nos primeiros anos, quase como uma grande família. E que a presença feminina tem que ser vista na sua relação de gênero.

Referências bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO FEMININA SANTISTA. **Relatórios 1903-1921.**

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo:Ed. da UNESP, 1998.

.AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo(1895-1915).**São Paulo: Saraiva, 1957

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti . **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro. São Paulo: T.A.Queiroz, 1989.

BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização feminina.** São Paulo: Loyola, 1980.

CAPUTO, Melissa Mendes Serrão. O “Espírito Feminino” de Eunice Caldas. **Cadernos do Liceu Santista**, Santos, ano 3, n.4, p.31-39, fev. 2004.

CARONE, Edgard. **A República Velha** (Instituições e classes sociais). São Paulo: Difel, 1970.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados:** Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. 8. reimp.São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto; Bragança Paulista, USF, 2000.p. 217 – 235.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937).** São Paulo: Brasiliense, 1981.

HERSCHMANN, Micael, KROPF, Simone Petraglia e NUNES, Clarice. **Missionários do progresso:** médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937). Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil.** São Paulo: Nacional, 1967.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher.** Bauru: EDUSC, 2000

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **O comissário de café no porto de Santos** (1870-1920). 1980. Dissertação de mestrado em História. Universidade de São Paulo.

_____. **Santos nos caminhos da educação popular.** São Paulo: Loyola, 1996.

_____. O comércio cafeeiro na praça de Santos: O comissário de café (1870-1920) In: _____ et al. **Café, Santos & História.** Santos: Leopoldianum,1995.

REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessitura de destino: mulheres e educação.** São Paulo: EDUC,1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade,**

Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul.-dez. 1990.

VIEIRA, Hermes. **Vicente de Carvalho: o sabiá da Ilha do Sol**. 2.ed. São Paulo: Biocrítica, 1943.